



PRIMEIRO LIVRO DE HENOC: OS REFLEXOS DO JUDAÍSMO ENÓQUICO NAS TRADIÇÕES JUDAICA E CRISTÃ

Mariana Aparecida Venâncio*
Altamir Celio de Andrade**

RESUMO

O presente estudo pretende destacar a importância do Primeiro Livro de Henoc, um apócrifo de redação associada ao período entre os séculos III a.C. e I d.C., que influenciou significativamente as culturas judaica e cristã. Esse livro fixou por escrito uma antiga história guardada pela tradição: o Mito dos Vigilantes. Tal narrativa foi central para a reflexão judaica acerca do mal e do demoníaco, inexistente na Bíblia Hebraica. A partir dessa ideologia que envolve o Primeiro Livro de Henoc, organizou-se um expressivo movimento sacerdotal conhecido por Judaísmo Enóquico. Essa tradição perpassou vários escritos da literatura judaica, sobretudo os livros apócrifos, até chegar à literatura cristã. Pode-se perceber a clara influência da tradição enóquica sobre alguns escritos neotestamentários. O artigo analisa alguns trechos do Evangelho de Marcos, mostrando de que forma as narrativas acerca dos Espíritos Impuros expulsos por Jesus estão relacionadas à tradição do *Primeiro Livro de Henoc*, associando os demônios expulsos aos Anjos e aos Gigantes que são apresentados no Mito dos Vigilantes.

Palavras-chave: Henoc. Evangelho de Marcos. Mito dos Vigilantes. Bíblia.

1 INTRODUÇÃO

O estudo de diversos manuscritos encontrados nas cavernas de Qumran, ao redor do Mar Morto por volta de 1947 e 1948, trouxe significativos resultados para a pesquisa sobre a relação entre o Cristianismo das origens e o Judaísmo do Segundo Templo. Com o retorno do Exílio na Babilônia em torno de 539 a.C., a tentativa de reorganização da religião de Israel, cujos costumes clássicos foram em parte perdidos ou redimensionados no processo interacional do Exílio, deu origem a vários grupos, dentre os quais podemos destacar, com grande expressão, o movimento Apocalíptico. Os Manuscritos do Mar Morto revelaram uma comunidade judaica pertencente a esse movimento e ainda

* Graduanda em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: mari_aparecidav@hotmail.com

** Mestrado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: altamirandrade@pucminas.cesjf.br

reafirmaram sua influência sobre a religião cristã. De fato, o Cristianismo deve à Apocalíptica Judaica diversos símbolos e ideologias usados para esclarecer, sobretudo, o que são o céu e o inferno. É consenso entre os pesquisadores da atualidade a inexistência do demoníaco na Bíblia Hebraica¹. Esse é um tema caro à Literatura Apocalíptica, nascente no referido período.

A preocupação em explicar a origem do mal de uma forma que preenchesse as lacunas deixadas pela *Bíblia Hebraica* não foi algo inaugurado pelo Judaísmo, mas sim fruto da interação desta com outras culturas. O *Primeiro Livro de Henoc*² trouxe para a Apocalíptica Judaica uma visão do demoníaco que perpassava as culturas babilônica, persa e helênica. Esse texto, em particular, foi responsável pela interseção dessas culturas com a cultura de Israel, servindo como base para um novo movimento dentro da Apocalíptica Judaica, que denominamos Judaísmo Enóquico. Esse novo grupo, que tinha como personagem central o patriarca Henoc, foi um organizado movimento de escribas e sacerdotes, cuja particularidade foi a discussão sobre a origem do mal, sem precedentes na cultura judaica. Vários textos posteriores fizeram releituras e sofreram influências da temática abordada nesse livro, e foram, por isso, considerados integrantes desta vertente judaica, o Judaísmo Enóquico.

O objetivo deste estudo é mostrar como o *Primeiro Livro de Henoc* foi expressivo na cultura judaica e, depois, como a fé cristã sofreu influências do Judaísmo Enóquico, analisando, em particular, a relação entre o Mito dos Vigilantes (1Henoc 6-11) e os Espíritos Impuros no Evangelho de Marcos. Sabemos que, dentre os Sinópticos, o livro de Marcos é o mais antigo e serviu de fonte, embora não exclusiva, para a redação dos Evangelhos de Mateus e Lucas. Mas a fonte do pensamento acerca dos Espíritos Impuros para Marcos esteve numa importante corrente do Judaísmo do Segundo Templo, em particular, numa antiga tradição recontada no *Primeiro Livro de Henoc*: o Mito dos Vigilantes.

2. O PRIMEIRO LIVRO DE HENOC

¹ Na Bíblia Hebraica é recorrente o tema do mal, apontado em atitudes do povo de Israel. Podem ser lembradas raras exceções, como no *Livro de Jó*, nas quais o mal é representado por um ser. No entanto, este ainda não designa uma entidade independente e disseminadora de todo o mal, como será entendida posteriormente a figura dos demônios.

² Para o nome do patriarca, procuramos seguir a grafia usada pela Bíblia de Jerusalém.

Um grande mistério envolve a figura do patriarca Henoc quando são consideradas as informações sobre ele oferecidas pelo *Livro do Gênesis*: Henoc é da sétima geração a partir de Adão, gerou filhos e filhas, viveu trezentos e sessenta e cinco anos, andou com Deus e por ele foi arrebatado (cf. Gn 5,21-24). A limitação de informações sobre a pessoa de Henoc está aliada a outro assunto que desperta um natural interesse: os segredos dos céus. É possível que a vasta tradição em torno desse homem incomum tenha surgido dessa curiosidade, produzindo escritos que procuraram narrar as funções celestes de Henoc, após ser levado aos céus pelo próprio Deus.

2.1. DATAÇÃO, ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS GERAIS

No período em que esse livro foi escrito, a figura de Henoc se tornava cada vez mais popular no Judaísmo e no Cristianismo nascente, como afirma David Syme Russell, em sua obra *Desvelamento Divino*:

Não surpreende, porém, que, com o decorrer do tempo, essa figura misteriosa, que entrou misteriosamente no céu, viesse a se tornar foco de toda sorte de material especulativo e lendário referente ao mundo espiritual onde Deus vive em companhia de seus santos anjos. Existe bastante evidência de que no período após o Antigo Testamento não só aumentou esse material sobre Henoc, mas também se tornou extremamente popular no seio do Judaísmo e muito mais ainda do Cristianismo (RUSSELL, 1997, p. 62).

Decorre disso o fato de, em torno da figura de Henoc, ter se organizado uma tradição mais ampla. Esse homem arrebatado por Deus antes do pecado dos anjos detinha os direitos sacerdotais, pois a ele foram revelados os segredos divinos. Além disso, era um líder não corrompido pelo mal disseminado pelo mundo quando os anjos cruzaram os limites entre o divino e o terreno.

Segundo afirma James Vanderkam, no livro *Os Manuscritos do Mar Morto* hoje, o escrito então produzido e que ficou conhecido como Primeiro Livro de Henoc encontra-se entre os chamados Pseudepígrafos, por não ter sido incorporado à Bíblia Hebraica e nem à Septuaginta e, também, pelo fato de que seu autor “oculta a sua identidade sob o nome de algum ancestral ilustre dos tempos bíblicos” (VANDERKAM, 1994, p. 38).

Em Qumran foram encontrados diversos fragmentos do *Primeiro Livro de Henoc* em língua aramaica, mas o único texto completo do livro ao qual hoje se tem acesso é uma tradução etíope de uma versão grega, que, por sua vez, é baseada em um original semítico (que não se sabe se foi escrito em aramaico ou hebraico). Esse fato leva ao seu conhecimento como Livro Etíope de Henoc.

É consenso entre os estudiosos que o *Primeiro Livro de Henoc* possa ser dividido em cinco partes e que seja uma obra compósita, isto é, cada uma de suas partes provavelmente foi escrita por pessoas diferentes e em épocas distintas, tendo, porém, como base, a mesma tradição. A descoberta dos fragmentos de Qumran confirma essa ideia, já que uma dessas cinco partes – O Livro das Parábolas de Henoc – não figura entre os onze manuscritos encontrados. Por esse motivo, admite-se até mesmo a possibilidade de que tenha sua origem após os evangelhos cristãos.

Seguindo a proposta de Russell (1997, p. 64-66), as cinco partes nas quais o *Primeiro Livro de Henoc* pode ser dividido são: O Livro dos Vigias (cc. 1-36), As Parábolas de Henoc (cc. 37-71), O Livro dos Luminares Celestes (cc. 72-82), O Livro das Visões em Sonho (cc. 83-90) e O Livro das Admonições (cc. 91-105). Os capítulos finais, 106 a 108, funcionariam como um epílogo.

- i. O Livro dos Vigias: contempla o Mito dos Vigilantes, sobre o qual este estudo deter-se-á com maiores detalhes. Foi escrito por volta do fim do séc. III a.C. ao início do séc. II a.C.
- ii. O Livro das Parábolas de Henoc: pode ser datado em meados do séc. I d.C. e descreve, em forma de visões, as revelações feitas a Henoc e que são ocultas aos olhos humanos.
- iii. O Livro dos Luminares celestes: descreve uma viagem pelos céus guiada pelo arcanjo Uriel e versa sobre os movimentos dos corpos celestes, sobre a medição do tempo e pronuncia bênçãos aos conhecedores do cálculo dos anos, baseado na observação das estrelas. Pela análise dos manuscritos encontrados em Qumran, supõe-se que esse fragmento tenha sido escrito do fim do séc. III a.C. ao início do séc. II a.C., como o Livro dos Vigias.
- iv. O Livro das Visões em Sonho: apresenta duas visões sobre o fim do mundo e é datado em torno dos fins da década de 160 a.C..
- v. O Livro das Admonições: situado entre 100 a.C. a 50 a.C., compreende o Apocalipse das Semanas, segundo o qual a história do mundo é dividida em dez partes das quais três ainda virão e compreenderão o triunfo da justiça e o banimento do mal.

A divisão do *Primeiro Livro de Henoc* em cinco livros permitiu até mesmo a afirmação de que a coleção enóquica teria sido um modelo para a elaboração do Pentateuco, mas as opiniões divergem a esse respeito. O mais provável seria afirmar que foi O *Primeiro Livro de Henoc* a sofrer influência da composição final do Pentateuco. No

entanto, é interessante observar a relação entre esses grupos de textos. O Mito dos Vigilantes, por exemplo, está inteiramente ligado a Gn 6,1-4. Há a mesma dúvida a respeito da dependência do Mito dos Vigilantes, contado no *Primeiro Livro de Henoc*, e essa narrativa do *Gênesis*. Segundo Kenner Roger Cazzoto Terra, em seu livro *Os anjos que caíram do céu*, “o que se reflete em 1 Enoque é um antigo estágio da tradição de *Gênesis*. E, por outro lado, os escribas de *Gênesis* também conheciam uma tradição Enóquica, ou um primeiro estágio dessa tradição, anterior ao que nós conhecemos” (TERRA, 2012, p. 23).

3. O MITO DOS VIGILANTES

Para explicar as origens do mal e do pecado no mundo, a tradição judaica narrava uma antiga história conhecida como Mito dos Vigilantes, que passou a figurar na literatura após ser contado no *Livro dos Vigias*. Os Vigilantes eram os anjos que no céu foram encarregados de zelar pelo bem do mundo, mas que cruzaram o limite entre o céu e a terra e disseminaram a impureza e o mal de forma irreversível.

Segundo esse Mito, os Anjos Vigias, movidos pelo desejo, tramaram um plano para relacionarem-se com belas mulheres humanas. O chefe deles, Semiaza, advertiu-os sob o medo de pagar pelos seus erros. Os Anjos, em coro, fizeram um juramento, comprometendo-se a uma maldição eterna, mas não abrindo mão de seu plano. Segundo o texto do *Primeiro Livro de Henoc*, eram aproximadamente duzentos os anjos que desceram à terra:

Tomaram mulheres para si. Cada um escolheu a sua. Tiveram relações com elas e se desonraram com elas. Ensinaram-lhas encantos e magia, as virtudes das raízes e das plantas. Ficaram grávidas e geraram gigantes imensos, de 3000 côvados. Esses devoravam todos (os frutos) da labuta dos homens, até que os homens não aguentaram mais. Então os gigantes se jogaram sobre os homens para os devorarem. Começaram a pecar contra as aves, os animais, os répteis e os peixes e a se devorar uns aos outros e bebiam o sangue. Então a terra acusou esses criminosos. (1Henoc 7,1-6)³

Além de bruxarias, os Anjos, liderados também por Azazel, ensinaram aos homens a maneira de trabalhar com metais, o uso de cosméticos, a astrologia, os sinais do sol e da lua, e também incentivaram a fornicação. O texto do *Primeiro Livro de Henoc* conta como os anjos Miguel, Rafael, Uriel e Gabriel, ao perceberem as desgraças sobre a terra,

³ Para este estudo, escolhemos seguir a tradução do *Primeiro Livro de Henoc* proposta pela Revista Bíblica Brasileira. Pode-se conferir o texto integral em: **REVISTA BÍBLICA BRASILEIRA**. v. I, Ano 16, n. 1-2-3, Nova Jerusalém, Fortaleza, 1999, p. 154-245.

intercederam ao Senhor contra Azazel. Então o Senhor enviou Uriel ao filho de Lamec, Noé, para anunciar-lhe que, apesar da destruição do mundo, ele e sua descendência seriam salvos. O Senhor orientou a Rafael que amarrasse Azazel e o jogasse em um buraco para que não mais visse a luz. A Gabriel, o Senhor mandou instigar a guerra entre os gigantes, para que aniquilassem uns aos outros. Por fim, a Miguel o Senhor orientou o castigo de Semiaza. Esses líderes, com os demais Anjos que desceram à terra e provocaram a desgraça, no dia do Juízo Final seriam atirados em um abismo de fogo para todo o sempre. Com eles permaneceriam também os que fossem sentenciados à condenação eterna. Em contrapartida, o Senhor anuncia a purificação de toda a terra contra a violência e a injustiça, o crescimento de toda espécie de árvore frutífera e o florescimento da Árvore da Verdade após o Dilúvio, instrumento de purificação. Henoc é personagem de destaque nesse contexto, pois foram revelados a ele os castigos e por ser encarregado de anunciar a condenação e a expulsão dos Vigilantes dos locais santos e do Paraíso.

4. A INFLUÊNCIA DO MITO DOS VIGILANTES PARA A RELIGIÃO JUDAICA: O JUDAÍSMO ENÓQUICO

O *Primeiro Livro de Henoc* não foi um escrito sem destaque dentro da tradição judaica, mas foi o escrito fundamental para uma ideologia central de um grupo característico dentro da religião judaica, conhecido por Judaísmo Enóquico. Vários livros, como o *Livro dos Jubileus*, o *Apocalipse de Abraão*, o *Quarto Livro de Esdras* e ainda *A vida de Adão e Eva*, integram a Literatura Enóquica) em seus vários níveis de desenvolvimento. O Livro dos Jubileus é o primeiro a reler o Mito dos Vigilantes, apresentando-o como a origem do mal que assombra o homem. Essa Literatura foi tão significativa a ponto de Boccaccini, em sua obra *Além da hipótese essênica*, afirmar que, para classificar a grande parte dos documentos do Mar Morto compostos antes do período macabeu, “deveríamos mais propriamente, e menos anacronicamente, utilizar os termos ‘sadoquita’ e ‘enóquica’” (BOCCACCINI, 2010, p. 102). Segundo o autor, a importância da Literatura Enóquica está no fato de que essa comprova a existência de uma tradição sacerdotal não conformista contemporânea ao período sadoquita. Embora o Judaísmo Enóquico tenha surgido fora dos círculos antissadoquitas, através de sua crítica à instituição sacerdotal de Jerusalém, ele reivindicava para si as categorias sacerdotais.

“Os enoquianos eram um partido de oposição dentro da elite do templo, não um grupo de separatistas” (BOCCACCINI, 2010, p. 114).

Na tradição Sadoquita, o templo de Jerusalém era a habitação terrena de Deus separada do mundo profano, e os sacerdotes, que o controlavam, guardavam a ordem e o bem incorruptíveis criados por Deus. Essa ordem era rompida por responsabilidade do homem, que devia e podia discernir entre o bem e o mal. A ideologia Enóquica se contrapunha à Sadoquita principalmente ao afirmar que o mal, resultado do pecado dos anjos, era algo disseminado pelo mundo, e que todos estavam corrompidos por essa culpa original. A ordem divina, que os Sadoquitas guardavam, havia sido, para os Enóquicos, perdida até o dia do Juízo Final, uma vez que o espírito dos gigantes, descendentes dos anjos caídos, continuava vagando pelo mundo a fim de corromper o homem. Na tradição Enóquica, o homem, embora responsável pelos seus atos, não tem controle sobre o mal e sobre a impureza. Segundo Boccaccini, “ao passo que o Judaísmo sadoquita afirma que não havia anjos rebeldes, sendo também Satanás um membro da corte celestial (...), o Judaísmo enóquico poderia ser, em última análise, responsável pela criação do conceito de Diabo” (BOCCACCINI, 2010, p. 108). De fato, já citamos o consenso da pesquisa atual em afirmar a inexistência do diabólico na Bíblia Hebraica, tendo sido essa temática trabalhada primeiramente pelo Primeiro Livro de Henoc a partir do Mito dos Vigilantes e, depois, por toda a Literatura Enóquica, estendendo-se à Apocalíptica Judaica. Terra destaca o fato de que, na Bíblia Hebraica, não existem sequer figuras de oposição a Deus.

É quase consenso, entre os pesquisadores, a afirmação de não haver, no Antigo Testamento, uma demonologia propriamente dita [...], enquanto na Literatura apocalíptica do Judaísmo tardio existe uma proliferação de demônios, de maneira bem esquematizada e organizada. [...] Não temos na Bíblia Hebraica a presença de uma personificação do mal ou um termo para designar um demônio com autonomia, ou um líder de hostes malignas, ou muito menos uma visão dualista, onde esses seres são inimigos de Deus, ou desejam impedir seus planos e projetos. (TERRA, 2012, p. 33)

O que determina que um livro seja pertencente à Literatura Enóquica é a presença dessas temáticas, não a simples citação de Henoc. Alguns livros somente seguem essa linha de pensamento, sem que Henoc seja sua figura central (como é o caso do Livro dos Jubileus) ou até mesmo sem citá-lo (como faz o *Quarto Livro de Esdras*). No entanto, não se pode deixar de lado a centralidade da pessoa de Henoc para a tradição em questão.

Finalmente, a superioridade do Judaísmo enóquico é garantida não apenas por sua alegada antiguidade, mas também pelo *status* superior de seu revelador,

Enoque, que, diferentemente de seu rival Moisés, viveu antes do pecado dos anjos e nunca morreu, mas 'foi tomado' por Deus (*Gn 5,24*) e, estando agora no céu, tem mais acesso direto à revelação de Deus (BOCCACCINI, 2010, p. 109, grifos do autor).

A pesquisa atual indica que o essenismo⁴ tem grande relação com o Judaísmo Enóquico incluindo tanto características que hoje podemos reconhecer como próprias da comunidade de Qumran, como também a ideologia do grupo de Henoc.

Uma comparação entre análise historiográfica e análise sistêmica implica que aquilo que os antigos chamavam de "essenismo" inclui tanto os fenômenos religiosos que nós modernos intérpretes classificamos como "judaísmo de Qumran" quanto o "judaísmo enóquico". A identificação da "comunidade essênica do Mar Morto" com a "comunidade enóquica dos manuscritos do Mar Morto" sugere uma conexão também entre "essenismo predominante" e "judaísmo enóquico predominante" (BOCCACCINI, 2010, p. 213).

A partir da análise historiográfica e literária de Qumran, é possível perceber o quanto a prática essênica da comunidade do Mar Morto alude à cultura Enóquica, em particular, à história dos Vigilantes que cruzaram o limite entre céu e terra.

A relação do mito dos anjos, que se tornou central na tradição de Enoque, acaba perpassando muitos textos qumranitas, e não somente estes, mas de todo o movimento essênico que está presente na Palestina e fora dela. Assim, em Qumran temos a genuína representação de uma continuidade com a visão de mundo de antigos apocalipses, em especial o de 1Enoque, adaptando novos discursos de maneira própria (TERRA, 2012, p. 71).

Os essênios não fabricavam artigos para guerra, algo que, segundo o Livro dos Vigilantes, havia sido ensinado pelos anjos impuros. Também os essênios eram orientados a viver uma vida de continência, deixar suas mulheres e viver o celibato. Embora fosse permitido que, antes de ingressarem na comunidade, tivessem se casado e gerado filhos, não podiam se relacionar com as mulheres pelo simples apego ao prazer. Na literatura Enóquica, o chefe dos anjos ensinou a arte da sedução. A literatura sectária de Qumran também trouxe, em conformidade com a literatura Enóquica, a temática do predeterminismo, da impureza, do mal e do dualismo cósmico.

Uma importante contribuição dessa literatura para o Judaísmo também está no que se refere à doutrina da ressurreição. De fato, "no Judaísmo antigo, a doutrina da imortalidade da alma não era partilhada fora dos círculos enóquicos." (BOCCACCINI, 2010, p. 226). A literatura enóquica trabalhou a crença na ressurreição, que inicialmente

⁴ Segundo a historiografia antiga, atestada também em Flávio Josefo, os judeus do segundo templo podiam ser divididos em três grupos: os saduceus, os fariseus e os essênios. A comunidade de Qumran era uma das mais significativas comunidades essênicas, embora Fílon e Josefo testemunhem que os essênios tivessem "muitas comunidades na Palestina" (BOCCACCINI, 2010, p. 51).

era comum como uma metáfora para o restabelecimento nacional, mas floresceu como doutrina no Judaísmo após a crise dos macabeus, influenciando progressivamente o Judaísmo Enóquico. Assim, “embora mantendo a doutrina tradicional da alma imortal e a crença na recompensa ou punição das almas na vida após a morte antes do julgamento final (...), o judaísmo enóquico claramente tendeu a assimilar também a doutrina da ressurreição” (BOCCACCINI, 2010, p. 227).

O Documento de Damasco, encontrado entre os escritos de Qumran, utiliza-se do Mito dos Vigilantes para ensinar os caminhos corretos a serem seguidos:

Agora, pois, filhos meus, escutai-me e eu abrirei vossos olhos para que vejais e compreendais as obras de Deus, para que escolhais aquilo que lhe compraz e rejeiteis o que odeia, para que caminheis perfeitamente por todos os seus caminhos e não vos deixeis arrastar pelos pensamentos da inclinação culpável e dos olhos luxuriosos. Pois muitos se extraviaram por estas coisas; heróis valorosos sucumbiram por sua causa desde tempos antigos até agora. Por ter caminhado na obstinação de seus corações os *Vigilantes dos céus caíram*; por ela se enredaram, pois não observaram os preceitos de Deus. O mesmo que caíram seus filhos, cuja altura era como a dos cedros e cujos corpos eram como montanhas. Toda carne que havia na terra seca pereceu e foi como se não houvera existido, por ter feito seus caprichos e não ter observado os preceitos de seu criador até que sua ira se acendeu contra eles (TERRA, 2012, p. 79).

5. O MITO DOS VIGILANTES E OS ESPÍRITOS IMPUROS NO EVANGELHO DE MARCOS

É provável que o *Primeiro Livro de Henoc* fosse amplamente conhecido nos círculos judaicos próximos ao início da era cristã, e esse é um primeiro fato que consolida a afirmação de que o Mito dos Vigilantes exerceu influência não só sobre o Judaísmo, mas também sobre o Cristianismo. De fato, “o patriarca Henoque era bem conhecido no Judaísmo pré-cristão e na Igreja primitiva, não apenas como modelo de justiça, mas também como autor, cujas obras tinham uma larga circulação e, nalguns círculos, eram aceitas como ‘Escritura’” (REVISTA BÍBLICA BRASILEIRA, 1999, p. 154).

O *Evangelho de Marcos* contém quatro relatos de exorcismos e expulsão de demônios, a saber: 1,21-28; 5,1-20; 7,24-30; 9,14-29. Em todos esses, os demônios são identificados com a expressão grega *pnêuma akátharton*, ou seja, Espírito Impuro. Na verdade, para Marcos, os conceitos de Demônio e Espírito Impuro não designam entidades diferentes, mas se confundem, embora haja uma sutil distinção: o termo Espírito Impuro designa o espírito que pode possuir as pessoas, é um indicativo de sua condição. Após a condenação, os espíritos dos Vigilantes e de seus filhos foram separados de seu corpo e condenados a vagar pela terra, nela aprisionados até o

juízo final. Também no texto do *Primeiro Livro de Henoc*, os Vigilantes que abandonaram sua posição celestial são adjetivados como Impuros, e a eles devem ser atribuídas as possessões, uma vez que vagam pelo mundo.

Convém perguntar por que relacionamos os espíritos dos Gigantes com os Impuros de Marcos. De fato, os Anjos Vigilantes e seus filhos, os Gigantes, infringem importantes leis do *Levítico*, dentre as quais merece destaque a de Lv 19,26. O israelita que transgredia alguma prescrição do *Levítico*, ou mesmo tocava alguém que o tivesse feito, tornava-se impuro. Como afirma Terra,

segundo o código de Levítico, os Gigantes acabaram infringindo regras de pureza: não comer nada com sangue (Lv 3,17; 7,26.27; 17,10.12), comer algumas espécies de animais (Lv 11,1-45). No código de alimentação há especificações para certos animais a serem comidos, sejam répteis, aves ou animais aquáticos; até o contato com eles tornava o objeto impuro. (...) Enquanto a punição levítica era a separação da comunidade, no Livro dos Vigilantes fora a separação da vida física entre os homens (TERRA, 2011, p. 6).

As características dos Vigilantes aproximam-se com as dos Espíritos Impuros. No *Evangelho de Marcos*, os demônios são violentos e corrompem os corpos que possuem, ferindo-os com pedras, atirando-os de precipícios, agitando-os fortemente e gritando. No *Primeiro Livro de Henoc*, são descritos da seguinte forma:

Os espíritos dos gigantes fazem o mal, são corruptos, atacam, combatem e quebram na terra, provocam tristeza. Não comem carne nem bebem e são invisíveis. Esses espíritos se erguerão contra os filhos dos homens e as mulheres, porque nasceram deles. (1Henoc 15,11)

Também é importante ressaltar que muitas obras citam o *Primeiro Livro de Henoc*, já utilizando a expressão Espíritos Impuros. Não é algo inédito no Evangelho de Marcos, mas presente nos já citados *Livro dos Jubileus*, *Testamentos dos Doze Patriarcas* e também em *Oráculos Sibilinos*, *Documento de Damasco*, *Segundo Livro de Baruc*, *Segundo Livro de Henoc* e em alguns manuscritos como 4Q180 e 1QapGn.

Terra explica a dependência de textos do *Novo Testamento* ao Judaísmo Enóquico pela proximidade dos primeiros cristãos com essas comunidades:

Com a presença de um Judaísmo ou movimento enoquita na palestina, como apresentou Boccaccini, e a possível relação de Jesus e o Cristianismo com essa tradição, podemos comprovar as hipóteses da relação entre as ideias do (s) Cristianismo (s) da (s) origem (ns) e o enoquismo. [...] Até mesmo a certeza da presença dessas tradições na Palestina, segundo Nickleburg, pode ser garantida, pois o próprio texto de 1Enoque 6-16, por causa de suas informações geográficas, mostra que pelo menos essa parte pertencia à região setentrional da Galiléia. Isso

torna a pesquisa interessante, pois muitas tradições nos sinóticos relacionam Jesus à Galiléia e provavelmente a fonte Q teria sua origem e vida naquelas regiões. [...] (TERRA, 2012, p. 121).

É possível perceber nos textos do *Novo Testamento* não só claras influências da temática desenvolvida no *Primeiro Livro de Henoc*, mas também citações diretas ao livro. Uma expressão cara aos autores neotestamentários e apocalípticos – “Filho de Homem”⁵ –, por exemplo, aparece no Primeiro Livro de Henoc para designar o Eleito, aquele que julgará todos no fim dos tempos (1Henoc 46,2-3; 48,2; 62,5.7.9.14; 63,11; 69,26.27.29; 70,1) ou mesmo como adjetivo relativo ao patriarca (1Henoc 60,10; 71,14.17). Outra importante referência a Henoc está na *Carta de Judas*: “A respeito deles profetizou Henoc, o sétimo dos patriarcas a contar de Adão, quando disse: ‘Eis que o Senhor veio com as suas santas milícias exercer o julgamento (...)’” (cf. Jd 14ss). Segundo a introdução que a *Bíblia de Jerusalém* oferece à carta, o autor desse livro “mostra notável conhecimento das fontes judaicas”⁶ e também faz uso de outras fontes apócrifas, como o *Livro da Assunção de Moisés* (cf. Jd 9).

Ainda é importante recordar que a influência do Primeiro Livro de Henoc na tradição cristã não se observa somente nos escritos neotestamentários, mas inclusive no conhecimento dessa tradição por parte dos Padres da Igreja:

Entre os padres, Tertuliano aceita Henoque; mas sabe que alguns não o aceitam. Orígenes se refere a Henoque, mas com reservas e explica a Celso que os livros intitulados “Henoque” não são geralmente considerados como divinos na Igreja. Para Jerônimo, Henoque era certamente apócrifo. Da mesma maneira, Agostinho: admitia que Henoque havia escrito “não pouco” por inspiração divina; mas pessoalmente julgava que os escritos que circulavam sob o nome de Henoque estavam repletos de incríveis fábulas e outros assuntos indesejáveis que não podiam ser autênticos. Com razão eram rejeitados pelos judeus e pelos cristãos (REVISTA BÍBLICA BRASILEIRA, 1999, p. 154).

Assim, pode-se afirmar que a visão do mal e dos demônios do *Novo Testamento* tem como pano de fundo a tradição Enóquica, de um lado, por ser claro o conhecimento de *Primeiro Livro de Henoc* por parte dos autores cristãos, de outro lado, por ser possível uma aproximação tão significativa das características dos espíritos imundos às dos Vigilantes, sendo que não é possível uma aproximação desse tipo a alguma figura da *Bíblia Hebraica*.

⁵ Para o tema do Filho do Homem, veja-se: LOCKMANN, Paulo. Marcos 13,1-27: A parusia do Filho do Homem. **Estudos Bíblicos**, 65, Petrópolis: Vozes, p.62-74, 2000; SOUSA, Ágabo Borges de. A figura de “um como Filho de um Homem” em Daniel 7. **Estudos Bíblicos**, 52, Petrópolis: Vozes, p.72-77, 1997.

⁶ Bíblia. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002. p. 2104.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise, reafirmamos a importância do estudo dos livros apócrifos e pseudoepígrafos como primeiros registros de ideologias e pensamentos de pequenas comunidades, ou mesmo grandes movimentos, que hoje nos ajudam a compreender de forma mais abrangente o que encontramos nos livros (hoje considerados) canônicos. A falta dessa separação entre canônicos e apócrifos, na época de sua redação, possibilitou que cada texto deixasse seu legado para a tradição cristã hoje consolidada, e é motivo para ressaltar a importância de se reafirmar a necessidade de estudar e conhecer esses escritos, que lançam luzes novas sobre escritos e tradições antigas. Reiteramos também a centralidade da Literatura Apocalíptica Judaica para o desenvolvimento do Cristianismo nos primeiros séculos de nossa era, uma vez que essa Literatura serviu símbolos e concepções para os textos bíblicos que são basilares para a fé cristã.

Procuramos mostrar como o *Primeiro Livro de Henoc* tem importância na pesquisa acerca de duas grandes tradições. De um lado, foi base para a ideologia de uma corrente judaica conhecida como Judaísmo Enóquico. Principalmente através dos estudos dos fragmentos encontrados em Qumran, podemos afirmar que essa era uma corrente de grande importância na época do Judaísmo do Segundo Templo, exercendo influências significativas sobre o conceito do mal e sobre o desenvolvimento da demonologia judaica, inexistente na *Bíblia Hebraica*. Por outro lado, acenamos para sua influência sobre o Cristianismo das Origens. Pontualmente, pudemos encontrar vestígios do Mito dos Vigilantes (*1Henoc* 6-11) no pensamento do *Evangelho de Marcos* acerca dos Espíritos Impuros expulsos por Jesus Cristo. No entanto, como assinalamos, a tradição Enóquica perpassa todo o Novo Testamento, figurando, por exemplo, na *Carta de Judas*.

FIRST BOOK OF ENOCH

THE EFFECTS OF ENOCH JUDAISM IN JEWISH AND CHRISTIAN TRADITIONS

ABSTRACT

The current survey intends to highlight the importance of the First Book of Enoch, an apocryphal of essays associated to the period between the third century B.C. and the first century A.C., which influenced Jewish and Christian cultures importantly. This book set on paper an old story kept by tradition: the Myth of the Watchers. Such narrative was central to Jewish thought concerning evil and devilish, absent in Hebrew Bibles. From this

ideology that involves the First Book of Enoch on, it was organized an expressive sacerdotal movement known as Enochian Judaism. This tradition pervades several Jewish literature writings, apocryphal books mainly, until Christian literature. A clear Enochian tradition influence may be seen in some neotestamentary writings. The Article analyzes a few quotations of Gospel of Mark indicating how the stories about Impure Spirit driven out by Jesus are related to First Book of Enoch tradition, associating the cast out demons with Angels and Giants who are presented in Myth of Watchers.

Key-words: Enoch, Gospel of Mark, Myth of Watchers.

REFERÊNCIAS

Bíblia. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOCCACCINI, Gabriele. **Além da hipótese essênia: a separação dos caminhos entre Qumran e o Judaísmo enóquico**. São Paulo: Paulus, 2010.

LOCKMANN, Paulo. Marcos 13,1-27: A parusia do Filho do Homem. **Estudos Bíblicos**, **65**, Petrópolis: Vozes, p.62-74, 2000.

REVISTA BÍBLICA BRASILEIRA. v. I, Ano 16, n. 1-2-3, Nova Jerusalém, Fortaleza, 1999.

ROST, L. **Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran**. São Paulo: Paulinas, 1980.

ROWLEY, H. H. **A importância da literatura apocalíptica**. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUSSELL, David Syme. **Desvelamento divino**. São Paulo: Paulinas, 1997.

SOUSA, Ágabo Borges de. A figura de “um como Filho de um Homem” em Daniel 7. **Estudos Bíblicos**, 52, Petrópolis: Vozes, p.72-77, 1997.

TERRA, Kenner Roger Cazzoto. Jesus e os espíritos imundos: o demoníaco e o Mito dos Vigilantes. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR), v.III, n.9, jan. 2011.

_____. **Os anjos que caíram do céu: o livro de Enoque e o demoníaco no mundo judaico-cristão**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

VANDERKAM, James C. **Os manuscritos do Mar Morto hoje**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.